

Revista **a** EVOLUÇÃO



FÁTIMA GAMA

Profa. Doutoranda em Ciências Sociais

ENTREVISTA

Profa. Dra. KÁTIA CARNEIRO, da UFRJ.



LANÇAMENTO



Revista **EVOLUÇÃO**

Ano V - nº 51 - Abril de 2024

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Mirella Clerici Loayza

Colunista:

Adeilson Batista Lins

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Adriana Pereira Santos da Silva

Alecina do Nascimento Santos

André Luiz Dias Leite

Andressa Talita de Lara

Angelita Aparecida Ferreira Gebin

Antônio dos Santos J. Miguel e Fátima T. Dias dos Santos Gama

Beatris Maria Mocellin

Daniel Leopoldo Moreira Barbosa

Daniela Proença Verly da Silva

Dinah Luisa da Silva

Ester de Paula Oliveira

Elisangela Santos Reimberg Eduardo

Josefa Bezerra de Meneses

Letícia Zuza de Lima Cabral

Lucimara dos Santos de Barros

Marcela Rodrigues Pimentel

Maria Aparecida Armandilha Nunes

Maria de Fátima Costa Rocha

Marilena Wackler

Sidnéa dos Santos Quintino Amorim

Sidneia Viana

Sileusa Soares da Silva

Soraia Mitauy Freitas

Vilma Cavalcante Sabino da Silva

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 51 (abr. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 196 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2675-2573.rpe.51

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.51>

A

São Paulo | 2024

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac Chateaneuf
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Thais Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Dr. Isac Chateaneuf

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as) e autores(as) independentes**;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

Filiada à:



Produzida com utilização de softwares livres



05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

07 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

11 HOMENAGEM**FÁTIMA GAMA****ARTIGOS**

- | | |
|---|-----|
| 1. LINGUAGEM, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
ADRIANA PEREIRA SANTOS DA SILVA | |
| 2. A INTERAÇÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NAS ESCOLAS E NA SOCIEDADE
ALECINA DO NASCIMENTO SANTOS | |
| 3. A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E OS DESAFIOS DA SUA IMPLEMENTAÇÃO
ANDRÉ LUIZ DIAS LEITE | |
| 4. EDUCAÇÃO ESPECIAL: A INCLUSÃO COMO DESAFIO
ANDRESSA TALITA DE LARA | 35 |
| 5. RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA INFÂNCIA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ABORDAGEM
ANGELITA APARECIDA FERREIRA GEBIN | 43 |
| 6. OS DESAFIOS DA SUPERVISÃO PEDAGÓGICA EM LUANDA
ANTÔNIO DOS SANTOS JOÃO MIGUEL / FÁTIMA TOMÁS DIAS DOS SANTO GAMA | 51 |
| 7. EMMI PIKLER: UMA VISÃO REVOLUCIONÁRIA DO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR INFANTIL
BEATRIS MARIA MOCELLIN | 63 |
| 8. OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, A QUALIDADE DO ENSINO E A RELAÇÃO DISCENTE E DOCENTE NA SALA DE AULA
DANIEL LEOPOLDO MOREIRA BARBOSA | 69 |
| 9. A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO COMO INSTRUÇÃO PRIMÁRIA
DANIELA PROENÇA VERLY DA SILVA | 77 |
| 10. PRIORIZANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA INFÂNCIA: CONSTRUINDO UM FUTURO SUSTENTÁVEL
DINAH LUISA DA SILVA | 85 |
| 11. NEUROCIÊNCIAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A VIDA ESCOLAR
ELISANGELA SANTOS REIMBERG EDUARDO | 93 |
| 12. A NEUROLINGÜÍSTICA E OS TALENTOS DOS EDUCANDOS
ESTER DE PAULA OLIVEIRA | 101 |
| 13. PARQUE INCLUSIVO: ACESSIBILIDADE GARANTIDA PARA TODOS
JOSEFA BEZERRA DE MENESES | 109 |
| 14. PROPOSTAS MATEMÁTICAS NAS SALAS DE PROJETO DE APOIO PEDAGÓGICO DA RMESP
LETÍCIA ZUZA DE LIMA CABRAL | 117 |
| 15. ABORDAGENS DIRECIONADAS AO DESENVOLVIMENTO DE EDUCADORES
LUCIMARA DOS SANTOS DE BARROS | 125 |
| 16. DESPERTANDO O INTERESSE DAS CRIANÇAS PELOS CONTOS DE FADAS
MARCELA RODRIGUES PIMENTEL | 131 |
| 17. AS CONTAÇÕES DE HISTÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO
MARIA APARECIDA ARMANDILHA NUNES | 137 |
| 18. GESTÃO DIRETRIZES E COMPROMISSOS PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE
MARIA DE FÁTIMA COSTA ROCHA | 143 |
| 19. MÉTODOS PEDAGÓGICOS PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS
MARILENA WACKLER | 149 |
| 20. A DIVERSIDADE NOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
SIDNÉA DOS SANTOS QUINTINO AMORIM | 159 |
| 21. PEDAGOGIA DE PROJETOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I
SIDNEIA VIANA | 167 |
| 22. BRINCANDO DE FAZ DE CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
SILEUSA SOARES DA SILVA | 173 |
| 23. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS
SORAIA MITAUY FREITAS | 181 |
| 24. A PEDAGOGIA E AS TEORIAS QUE CONTRIBUEM PARA O EDUCAR
VILMA CAVALCANTE SABINO DA SILVA | 189 |



A INTERAÇÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NAS ESCOLAS E NA SOCIEDADE

ALECINA DO NASCIMENTO SANTOS¹

RESUMO

A barreira na expressão e interação social que muitos estudantes com Autismo enfrentam, aliada aos seus obstáculos no aprendizado, resulta em altas taxas de insucesso escolar para esses jovens, além de outros perigos sociais: marginalização e intimidação. Ao implementar uma variedade de atividades lúdicas e suportes nas escolas de ensino fundamental, busca-se alterar a condição de solidão que os alunos enfrentam cotidianamente em sua jornada educacional, ampliando progressivamente seus momentos de convívio harmonioso. Portanto, esse artigo tem como objetivo salientar a importância da interação de alunos com TEA junto aos outros, de forma harmoniosa, contando com a intervenção de todo o corpo docente. A metodologia utilizada para compor esse trabalho é por meio de pesquisa bibliográfica, contando com a comprovação de autores que denotam sobre o TEA.

Palavras-chave: Expressão; Interação; TEA.

INTRODUÇÃO

Ainda hoje, é comum ver o transtorno do espectro do autismo sendo descrito com palavras como quebra-cabeça, segredo, enigma ou até mesmo mistério. Isso reflete uma lacuna significativa no conhecimento, apesar do progresso contínuo das informações científicas. Este artigo pretende apresentar ao leitor o que foi descoberto até agora sobre o TEA, com a esperança de que tanto os médicos quanto os especialistas, como neurocientistas, psicopedagogos e até mesmo professores, possam considerá-lo para facilitar o diagnóstico e oferecer o melhor tratamento possível.

Mais de três décadas de estudos neurocientíficos têm se dedicado a descobrir a causa do autismo, identificando as origens etiológicas e seus mecanismos patogênicos, sua

dinâmica e a variação que ocorre nos sintomas principais do TEA, levando em consideração sintomas psiquiátricos que podem ser coexistentes com esta condição.

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente o alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área. (SANTOS, 2008, p. 9).

Pesquisas com foco dimensional têm investigado como o transtorno se desenvolve e as mudanças que ele sofre ao longo da vida do paciente, dependendo de fatores ambientais,

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE. Segunda Graduação em Artes Visuais pela Universidade de Santos. Pós-graduação em Educação Infantil e em Formação Docente pela Faculdade Campos Eliseos, FCE. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

expressão e retração genética, atividade imunológica, exposição a psicotrópicos e até mesmo o resultado da neurovariabilidade ao tentar integrá-lo em um sistema estabelecido de comportamentos sociais, níveis de comunicação e atividades para a independência.

Segundo o dicionário online de Português o TEA significa:

Termo que designa, de maneira mais geral, variadas e diferentes síndromes que se enquadram no autismo, por estarem relacionadas com perturbações ou alterações do desenvolvimento neurológico, dificuldade de comunicação e/ou de socialização. Etimologia (origem da palavra autismo). A palavra autismo deriva do grego "autós", que significa "de si mesmo", e do prefixo -ismo; pelo francês "autisme", com sentido de autismo. (<https://www.dicio.com.br/autismo/>)

Eugen Bleuler (1908) usou essa denominação para descrever um paciente esquizofrênico que se isolou em seu próprio universo. Embora hoje se fale de um fator geral para os transtornos mentais e que o TEA e o espectro esquizofrênico sejam identidades com semelhanças importantes, essa história em sua maior parte tem uma abordagem dicotômica, assim como Hans Asperger e Leo Kanner, pioneiros que trabalharam separadamente nos anos 40, com abordagens muito específicas. Kanner (1943) descreveu o quadro clínico do autismo com observações de 8 meninos e 3 meninas que tinham as seguintes características em comum: 1) incapacidade de estabelecer relacionamentos; 2) alterações na linguagem, principalmente como meio de comunicação social, embora em 8 deles o nível formal da linguagem fosse normal ou apenas ligeiramente atrasado; 3) insistência obsessiva em manter o ambiente inalterado; 4) surgimento, às vezes, de habilidades especiais; 5) bom potencial cognitivo, mas limitado aos seus centros de interesse; 6) aparência física normal e "rosto inteligente"; e 7) aparecimento dos primeiros sintomas desde o nascimento, que foram significativamente afetados e tiveram grande impacto. (KANNER, 1966, APUD KELMAN et al, 2010)

[...] o denominador comum desses

pacientes é sua impossibilidade de estabelecer desde o começo da vida, interações esperadas com pessoas e situações (...) apreciam ser deixados sozinhos, agindo como se as pessoas em volta não estivessem ali (...) quase todas as mães relatam a perplexidade causada pelo fato dos filhos, diferentes dos demais, não desejarem ser tomados em seus braços (KANNER, 1966, APUD KELMAN et al, 2010, p. 224).

Por outro lado, Asperger (1944) descreveu em sua série crianças muito capazes devido a essas habilidades e comportamentos diferentes em relação ao restante da população. Embora para Kanner o quadro clínico do autismo, como ele o descreveu, fosse tão específico que pudesse ser claramente diferenciado, não apenas da esquizofrenia, mas de qualquer outro transtorno, a primeira versão do Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM-I (1952), incluiu nesta entidade nosográfica, crianças com características descritas para autismo, foi diagnosticada como "reação esquizofrênica do tipo infantil". O DSM-II (1968) também não considerou o autismo como um diagnóstico específico, mas como uma característica da esquizofrenia infantil. (ORRÚ, 2012)

O DSM III-R (1987) trouxe uma mudança significativa, não apenas nos critérios, mas também na nomenclatura. O termo "autismo infantil" foi substituído por "transtorno autista". Com isso, o autismo passou a ser considerado um "transtorno", termo usado em manuais para definir genericamente problemas mentais, marcando assim um afastamento conceitual da terminologia de problemas médicos de etiologia e fisiopatologia conhecidas total ou parcialmente. (ORRÚ, 2012)

Nos anos seguintes, surgiram o DSM-IV (1994) e o DSM IV, que, embora não tenham proposto modificações substanciais entre eles, representaram uma nova mudança radical. Foram definidas cinco categorias de autismo:

- Transtorno autista.
- Transtorno de Asperger.
- Transtorno de Rett.
- Transtorno desintegrativo da infância.

- Transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação.

Além disso, o termo “transtornos invasivos do desenvolvimento” foi incorporado como nome genérico para abranger os subtipos desta nosografia. Uma vez consolidado e definido fenomenologicamente o modelo como Kanner o identificou, uma visão categórica foi delineada com precisão crescente que se refletiu nas diferentes versões do DSM. Lorna Wing e Judith Gould (1979) sugeriram uma nova percepção do transtorno. A diferença com o modelo convencional era sutil na aparência, mas radical na profundidade. (MEMNON, 2014, p. 8-10, Revista Nova Escola)

A mudança conceitual baseou-se no estudo realizado em uma área de Londres, no qual pacientes que se enquadravam tanto no padrão típico descrito por Kanner quanto aqueles pacientes que, sem se enquadrarem no perfil kanneriano, apresentavam em maior ou menor grau, a tríade de problemas de interação social, comunicação e imaginação, associada a um padrão de comportamentos rígidos e repetitivos, qualitativamente semelhantes aos dos pacientes “típicos” com autismo, mas quantitativamente diferentes. O retardo mental apareceu como uma dimensão diferente. Portanto, a tríade pode ser identificada independentemente do nível de inteligência e pode ou não estar associada a outros problemas médicos ou psicológicos. (OLIVEIRA, 2016)

O DSM-5 (2013) incorpora a palavra “Spectrum”, que se ajusta muito bem aos novos modelos genéticos que contemplam interações poligênicas de baixa e alta magnitude de efeito, determinadas por polimorfismos de nucleotídeo único e variações no número de cópias; e também com modulação por fatores epigenéticos. (SALES, 2022)

O TEA E SIGNIFICADOS

TEA é um distúrbio do desenvolvimento neurológico que causa neurovariabilidade caracterizada pela diminuição da interação social com deficiência no desenvolvimento da

comunicação por meio da linguagem verbal e não verbal e inflexibilidade no comportamento devido a comportamentos repetitivos e interesses restritos.

O TEA é determinado por déficits persistentes na comunicação e interação social em múltiplos contextos, incluindo aqueles de reciprocidade social, os comportamentos comunicativos não-verbais usados para tal interação e as habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além do déficit na comunicação social, o diagnóstico do TEA exige a presença de padrões de comportamento, interesses ou atividades restritivos ou repetitivos. Como os sintomas mudam com o desenvolvimento e podem ser mascarados por mecanismos compensatórios, os critérios diagnósticos podem ser atendidos com base em informações históricas, embora a apresentação atual deva causar deterioração significativa. (OLIVEIRA, 2016)

A Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou por unanimidade o dia 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, para destacar a necessidade de melhorar a qualidade de vida das pessoas com este transtorno, a fim de levar uma vida plena e satisfatória como parte integrante da sociedade. (SALES, 2022)

O TEA é influenciado por vários fatores ambientais, genéticos e até imunológicos que atuam em momentos-chave do processo de desenvolvimento. Permanece o envolvimento simultâneo de múltiplos sistemas devido à interação entre a exposição ao ambiente e as suscetibilidades genéticas individuais. Sua relação complexa e etiologia multifatorial resultam na heterogeneidade e variabilidade do autismo e mesmo o acima mencionado acrescenta diferentes comorbidades psiquiátricas ao TEA. localizar um distúrbio puro e, portanto, seus fatores diretos. (SALES, 2022)

Pesquisas epidemiológicas apontaram para medicamentos, metabólitos, toxinas e nutrientes que aumentam a probabilidade dessa alteração, principalmente no período pré-natal.

Recentemente, o foco se expandiu além do cérebro; foi sugerido que o sistema imunológico e o eixo cérebro-intestino-microbioma desempenham um papel significativo. Desde a abordagem do conceito de risco, vários fatores geraram controvérsia quando se referem ao autismo; um deles, que se destaca em qualquer fonte primária, é a relação entre a ingestão de ácido fólico durante a gravidez e o autismo.

Como vivem em um mundo muito confuso, é compreensível que crianças autistas tentem se apegar às poucas coisas que conseguem entender. Elas gostam de manter as mesmas rotinas, uma leve mudança pode provocar gritos e acessos de raiva. Também se tornam bastante apegadas a objetos, que podem ser brinquedos comuns ou coisas aparentemente sem atrativos (GAUDERER, 1985, p. 119)

O folato e o neurodesenvolvimento são um tema de grande interesse, tanto para médicos como para pesquisadores. Embora tenha sido observado em estudos de coorte prospectivos que a redução da ingestão de folato durante a gravidez predispõe a problemas de neurodesenvolvimento e até mesmo a distúrbios neuropsiquiátricos na idade adulta, as informações atuais disponíveis confirmam que altas doses de ácido fólico durante a gravidez aumentam o risco de apresentar TEA. Outro fator controverso é a vacinação, principalmente a vacina tríplice viral e o excipiente timerosal; No entanto, esta e as demais vacinas não têm relação com o desenvolvimento do distúrbio. Portanto, vale a pena reiterar que as vacinas não estão associadas ao autismo, em linha com as atuais meta-análises. (GAUDERER, 1985)

O TEA tem sido associado a vários fatores, que podem ocorrer individualmente, bem como inter-relacionados, conferindo a esse espectro a heterogeneidade que atualmente o caracteriza.

As diferentes origens e variação na expressão deste distúrbio não nos permitem falar de um mecanismo patogênico único e aceitável. Nos níveis macro, meso e microescala, foram estabelecidas teorias promissoras, mas foram a neuroanatomia, os núcleos e circuitos, os

neurônios e as organelas, os neurotransmissores, os genes e as moléculas que ocuparam o centro do palco para nos dar uma abordagem à informação neurocientífica reproduzível, o que reduz a lacuna epistemológica e explicar a causalidade do autismo.

Educar uma criança, por mais difícil que seja, aumenta o sentimento de amor na maioria das pessoas. Os pais sentem que a criança é parte deles e da família, não querendo que ela vá embora. Além disso, a criança autista pode ser bastante cativante e sua própria impotência e confusão faz brotar emoções profundas nos que lidam com ela. Então, quando começam a fazer progresso, a alegria que cada pequeno passo avante traz, parece muitas vezes maior do que é dado por uma criança normal (GAUDERER, 2011, p. 127).

Vale ressaltar que nenhuma das teorias invalida as demais e não possuem classificação quanto à sua importância. Portanto, aborda-se a melhor informação disponível que foi oferecida individualmente, para posteriormente observar como a ação conjunta desses protagonistas forma o novo espectro do TEA. A consideração inicial é de natureza neuroanatômica, com irregularidades no giro frontal inferior e cíngulo, córtex orbitofrontal e amígdala. As funções dessas estruturas mostram-se alteradas, manifestando-se clinicamente como características que não são exclusivas do autismo, mas são muito comuns, como falta de empatia, afetividade e cognição inadequadas, falta de reconhecimento nas expressões faciais e corporais e emocionalidade dos outros, que é essencial para a comunicação funcional e a sociabilidade.

Entre as diferentes causas neurobiológicas do autismo, sugere-se a presença de alterações na conectividade, tanto a nível funcional como estrutural. No nível histopatológico, no córtex cerebral do paciente afetado, foram encontradas rupturas radiais e tangenciais na organização fundamental dos neurônios e da glia. Alterações na densidade celular, orientação diferente dos dendritos, espaço reduzido e configuração diferente das

microcolunas neuronais também foram identificadas em certas partes do lobo frontal, e uma diminuição seletiva no número de neurônios no meio cerebral. Essas mudanças duradouras no neurodesenvolvimento levam a um modelo de alteração conectiva, no qual as funções cerebrais apresentam diferentes graus de atividade. (GAUDERER, 1985)

A diversidade neural do TEA é fundamentada nas transformações em diferentes escalas que foram identificadas no cérebro. Quando essas transformações acontecem? Podem ocorrer durante a neurogênese, amadurecimento e migração neuronal, sinaptogênese e sinaptoplasticidade, organização de estruturas ou ativação funcional destas.

DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

Realizar o diagnóstico de TEA precocemente para estabelecer intervenções pertinentes que melhorem os resultados é uma parte fundamental para o tratamento de pessoas com TEA.

O diagnóstico pode ser estabelecido da coleta de dados biográficos e da capacidade de reconhecer os critérios do DSM-5/CID-10. Atualmente existem duas tendências para fazer o diagnóstico do TEA, a primeira é tradicional, muito utilizada, mas com barreiras e falhas constantemente criticadas por especialistas no assunto, ou seja, o diagnóstico clínico representado pelos critérios do DSM-5. Os recentemente estabelecidos na CID-11 mostram uma abordagem à segunda tendência que é considerada revolucionária, devido ao referido estabelecimento recente tem sido pouco divulgada, apoiada por evidências científicas que abrem informações tradicionais, que provavelmente estarão em conformidade com futuros manuais e guias de diagnóstico.

A melhor maneira de tratar um paciente com autismo é promover o desenvolvimento de habilidades sociais. Até o momento, nenhum medicamento foi aprovado para o tratamento dos sintomas principais do transtorno do

espectro do autismo. Em relação a esse assunto, ainda estamos longe de ter um guia universal que ajude a regular a conduta terapêutica desses pacientes; Portanto, o médico encarregado desses pacientes deve estar atento às publicações de alto impacto e às pesquisas recentes, como aquelas que propõem um potencial efeito terapêutico da ocitocina intranasal para esses sintomas, e estar atento às tendências propostas para melhorar a sociabilidade dos pacientes. desses indivíduos, bem como a utilização dos respectivos aplicativos. A maior evidência para apoiar o tratamento de um portador de TEA e sua comorbidade vem de pesquisas recentes. Propõe-se uma terapia integrativa, que não é linear nem escalonada, mas sim utiliza ferramentas pertencentes a três formas diferentes de intervir, podendo ser utilizada a critério clínico para atendimento individualizado dos pacientes de acordo com suas necessidades.

Os grupos farmacológicos utilizados são diferentes, sua finalidade tem sido historicamente o controle sintomático de comorbidades e seus transtornos afetivos e comportamentais, constatando que o mais comum associado ao TEA é ansiedade, depressão, transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), compulsões e atividades repetitivas. comportamentos, irritabilidade e agressividade. No entanto, existem atualmente diversas propostas para abordar os principais sintomas do transtorno. (GAUDERER, 1985)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é como um jardim, ao qual cada aluno é uma semente com potencial para se tornar uma bela flor. As sementes são diversas, cada uma com suas características únicas, assim como os alunos.

O educador é o jardineiro desse jardim. Ele tem a responsabilidade de cuidar de cada semente, fornecendo a quantidade certa de água, luz solar e nutrientes que cada uma precisa para crescer e florescer. Isso inclui alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que

podem precisar de cuidados especiais para prosperar.

A sociedade é o clima que influencia o jardim. Pode trazer chuva, sol, vento, cada um com seus desafios e oportunidades, podendo ser desafiadora para os alunos com TEA, mas também pode ser uma fonte de aprendizado e crescimento.

Portanto, a educação é um jardim diversificado e vibrante, na qual cada aluno tem a oportunidade de florescer. É um lugar no qual a diversidade é valorizada, a inclusão é praticada e cada aluno é reconhecido por suas contribuições únicas. E dessa forma, o jardim da educação continua a florescer, celebrando a beleza da diversidade e a força da inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em 20 abr.2024.

GAUDERER, E.C. **Autismo**. Atheneu. 1993.

KELMAM, C. A. [et al]. ALBUQUERQUE, D. e BARBATO, S. - Organizadoras. **Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar**. Brasília, Editora UnB, 2010.

OLIVEIRA, Maria da Luz dos Santos. **Formação docente e inclusão de alunos com transtorno do espectro autista: Algumas Reflexões**. João Pessoa. 2016.

ORRÚ, Silva Ester. **Autismo, Linguagem e Educação- interação social no cotidiano escolar**. 3 ed.-Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012.

Revista Nova escola. A inclusão que ensina. Disponível em:<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/inclusao-ensina-511186.shtml> . Acesso em: 20 abr.2024.

SALES, Kelly Soares de Melo. **A intervenção da terapia ocupacional através da abordagem de integração sensorial em criança com transtorno do espectro autista: relato de caso**. Belo Horizonte. 2022.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008





doi <https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.51>

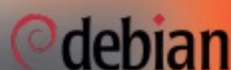
ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Adriana Pereira Santos da Silva
Alecina do Nascimento Santos
André Luiz Dias Leite
Andressa Talita de Lara
Angelita Aparecida Ferreira Gebin
Antônio dos Santos J. Miguel e Fátima Tomás
Dias dos Santos Gama
Beatris Maria Mocellin
Daniel Leopoldo Moreira Barbosa
Daniela Proença Verly da Silva
Dinah Luisa da Silva
Ester de Paula Oliveira
Elisangela Santos Reimberg Eduardo
Josefa Bezerra de Meneses
Letícia Zuza de Lima Cabral
Lucimara dos Santos de Barros
Marcela Rodrigues Pimentel
Maria Aparecida Armandilha Nunes
Maria de Fátima Costa Rocha
Marilena Wackler
Sidnéa dos Santos Quintino Amorim
Sidneia Viana
Sileusa Soares da Silva
Soraia Mitauy Freitas
Vilma Cavalcante Sabino da Silva



Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

